



HISTÓRIA E CIDADANIA

XIX Simpósio Nacional
de História-ANPUH

Organizadores
Ismênia de Lima Martins
Rodrigo Patto Sá Motta
Zilda Gricoli Iokoi

HISTÓRIA E CIDADANIA

XIX Simpósio Nacional da ANPUH
Belo Horizonte - MG - julho de 1997

vol. II

ANPUH
Humanitas
PUBLICAÇÕES
#FLCH/USP

1998

Mecenato e Cidadania

Tania Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

As iniciativas privadas para fomentar o acesso a livros e bibliotecas e permitir atividades culturais pouco acessíveis a indivíduos de grupos médios urbanos no Brasil, no final do século XIX e início do XX, começaram de forma bem tímida, ampliando-se somente com práticas mais generosas de imigrantes enriquecidos que se destacaram em criar associações e sustentá-las em benefício de setores mais carentes da população. Muitas vezes os esforços e verbas com estes fins originaram-se de grupos que através de associações episódicas levantavam fundos para financiar ampliação de bibliotecas e núcleos de estudos. O mecenato privado poderia realizar benefícios que o poder público muitas vezes delineava, mas não sabia tornar duradouros.

Este segmento de mecenato, ainda incipiente, tinha um perfil semelhante no caso da cidade do Rio de Janeiro. Era vinculado a categorias socioprofissionais como advogados e médicos, mas incluía também comerciantes, livreiros, jornalistas, e seus interesses comuns convergiam para a bibliofilia: os livros ou a “doença dos livros”, citada desde o século XVII, nos estudos de Daniel Roche¹. Possuíam livros em quantidade e um certo otimismo cultural quanto a seu uso e disseminação, realidade que pode ser compulsada ao se analisar seus inventários, testamentos, e correspondência.

As transformações que estavam em processo na cidade do Rio de Janeiro levariam à instalação de um novo monumento cultural público – a Biblioteca Nacional – que foi concluído em 29 de outubro de 1910, integrando o conjunto que representaria a renovação arquitetônica da cidade, na Avenida Central². Posteriormente seria incorporado ao seu acervo uma das poucas bibliotecas particulares salvas entre as muitas desbaratadas daquele período, pertencente a um desses colecionadores que foi importante para a intensificação das atividades de mecenato no período.

Destaco aqui a figura de Francisco Ramos Paz, um bibliógrafo que apesar de vir de um meio que não integrava o típico homem de cultura tradicional, fomentou entre seus amigos atitudes típicas de mecenato, fundamentais para a manutenção e enriquecimento de bibliotecas públicas, como o Gabinete Português de Leitura, a Biblioteca Fluminense e a própria Biblioteca Nacional. As outras colaborações vieram, na sua maioria, de homens originários de famílias que durante gerações preservaram fortunas e bens pessoais, e circulavam com segurança e interesse pelo ambiente cultural da época³.

Francisco Ramos Paz era português e tinha imigrado para o Brasil ainda muito jovem, para trabalhar. Representava o imigrante em dificuldades que aqui aportava, muitas vezes analfabeto, encontrava novas possibilidades e suportava grandes privações iniciais para mudar seu padrão de vida. Os leitores proprietários de bibliotecas e colaboradores nas atividades de bibliotecas públicas eram refratários a esse tipo de intruso que fugia aos seus padrões habituais dos círculos de amizade. No entanto assimilaram-no, num momento em que, já enriquecido, Paz tornou-se a grande referência como bibliófilo e colecionador.

A sua biblioteca particular era tão conhecida e apreciada que o tornou figura de destaque para consultas e empréstimos. Nesse sentido, seu nome era diversas vezes mencionado na correspondência de políticos, historiadores, literatos e das categorias socio-profissionais consumidoras de livros. Capistrano de Abreu, sobre-

tudo nas cartas que trocava com João Lúcio de Azevedo, sempre mencionava a sua competência e a importância de sua biblioteca⁴.

Para recuperar sua biografia é necessário recorrer a correspondências e catálogos de leilões que permitem melhor compreender sua trajetória. À medida que as cartas iam descortinando seus correspondentes, o papel do bibliófilo no entrosamento dos membros do círculo de leitores do Rio de Janeiro ficava cada vez mais caracterizado.

Francisco Ramos Paz pode ser identificado como um homem que fugia aos cânones que caracterizavam os integrantes do círculo de leitores, mas que encarnou as exigências e expectativas de muitos, ávidos por novidades no que diz respeito ao mercado editorial. Realizou papel fundamental no enriquecimento de vários acervos pessoais e no aprofundamento dos gostos por livros raros e de alto padrão de qualidade. Sua trajetória de vida esclareceu, por vezes, alguns aspectos nebulosos ligados ao comércio e aos fornecedores de livros raros. O círculo de leitores do Rio, esta cidade das letras na expressão de Angel Rama⁵, com tantas dificuldades e possibilidades, semelhante a muitas outras latino-americanas, aumentava cada vez mais seus padrões de exigência.

Em relatório ao imperador datado de 1876⁶, o então diretor da Biblioteca Nacional Benjamim Franklin de Ramiz Galvão citava o nome de Paz entre os que graciosamente haviam oferecido obras para o enriquecimento do depósito literário da Biblioteca Nacional, como Ferdinand Denis, Franklim de Menezes Dória, José Carlos Rodrigues, Zacarias de Góes e Vasconcelos, Francisco de Menezes Dias da Cruz, José Martiniano de Alencar entre outros, elogiados pelo bibliotecário em contraposição àqueles que, apesar de terem obrigação de fornecer obras para o depósito legal, eclipsavam-se, acobertados pelo que Ramiz chamou de fraco controle legal e desobediência às leis em vigor.

Não era apenas o fraco controle legal e a desobediência às leis que restringiam o número de colaboradores espontâneos e com atitude de mecenato: era a fraca presença da concepção de

mecenato privado existente na cultura da época. No entanto a iniciativa de alguns indivíduos permitiu a criação de uma rede de apoios que fomentou o mecenato privado em benefício de uma grande parte do público que pode cada vez mais usufruir do acesso a bibliotecas e livros.

Quando em 1872 Ramiz Galvão foi nomeado bibliotecário da Biblioteca Nacional da Corte, cargo que exerceu até 1882, aproximou-se de Francisco Ramos Paz e das pessoas mais envolvidas com livros e bibliotecas, bem como daquelas com interesses públicos ou com interesses privados. De uma maneira geral o período em que dirigiu a Biblioteca Nacional foi muito positivo para a instituição, tendo organizado duas importantes e celebradas exposições, uma sobre Luís de Camões e outra sobre História do Brasil, em 1881⁷. Publicou esses catálogos, muito elogiados, e dirigiu a publicação dos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e do Catálogo da Exposição Nacional de 1875, entre outras⁸.

452

Ramiz Galvão tornou-se, portanto, mais conhecido como bibliotecário e bibliófilo, revelando uma febril atividade, intermediando e incentivando todas as ações de mecenato, mesmo as mais discretas. Seu nome no entanto permanecia listado no *Almanaque Laemmert*, como médico no Rio de Janeiro, embora o endereço registrado fosse o da Biblioteca Nacional. Dentre as relações desenvolvidas por estes leitores privilegiados bibliófilos, colecionadores e mecenas aprendizes, a amizade entre Ramiz Galvão, Ramos Paz e Capistrano de Abreu se destacou em solidez. Paz e Capistrano conheceram-se por volta de 1880 e, aproximados por gostos semelhantes, logo ficaram amigos. Capistrano também era uma espécie de migrante e tinha vindo do interior do Ceará para a Corte, com 22 anos, em abril de 1875, empregando-se primeiramente na livraria Garnier⁹.

Capistrano, saído de Maranguape, estudou em colégios de Fortaleza, depois foi para Recife sem, no entanto, cursar a Faculdade de Direito como era vontade de seus pais. Uma vez estabelecido no Rio, foi professor do Colégio Aquino e, mais tarde, oficial

da Biblioteca Nacional. Ali, encontraram-se os três e, cada um de sua forma, labutavam por melhores condições de funcionamento da instituição e de outras, alimentando as condições de alcançar, de forma mais sistemática, o apoio de um mecenato privado.

Na busca por fontes e raridades que pudessem aumentar o volume de documentos para sua produção historiográfica, Capistrano e Paz aproximaram-se naturalmente no segmento do círculo de leitores que se unia através de encontros informais nos quais se dava uma troca constante, fortalecida pelos laços de sociabilidade que se criavam. Aqui como biógrafo de Paz o historiador deixa entrever alguns traços de seu cotidiano:

Não se contentava com o que ia descobrindo aqui, ou aqui desenterrava do esquecimento; queria que lhe viessem de fora novos testemunhos. Custeava a obtenção de cópias, fazia para isto, sacrifícios. Mobilizava amigos, procurava interessá-los em sua fúria de pesquisador (...) ¹⁰.

Foi, portanto, natural a intensificação de laços de amizade entre Paz e Capistrano, cujos mais importantes registros ficaram marcados na correspondência e no prefácio do catálogo que foi preparado para o leilão da biblioteca de Francisco Ramos Paz, após sua morte ¹¹.

Em 1863, sua biblioteca já era bem significativa, a ponto de sua correspondência particular revelar uma proposta de compra para que esta se integrasse a uma associação. Outras cartas eram bastante eloqüentes quanto à real e incansável atividade do bibliófilo em relação a seus amigos ou outras pessoas por eles recomendadas, que o procuravam tentando resolver dificuldades encontradas na localização de livros ¹². Mas a interferência não se limitava a este tipo de problema. Era convocado para arranjar empregos, colocações, intermediar nomeações, administrar bibliotecas e, de forma mais amena, participar de audições musicais no Cassino Fluminense, até a convite de Machado de Assis. O círculo de leitores e a sociabilidade nele alimentada aumentavam a cadeia de favores entre os pares ¹³.

Ramos Paz havia se estabelecido profissionalmente e mantinha contatos comerciais com a Companhia Docas de Santos e o Banco do Brasil, sendo muito solicitado para atividades de consultoria que envolviam questões de orçamento. Embora possuísse prestígio e riqueza suficientes para manter suas atividades de bibliófilo, Capistrano afirmou, em sua notícia biográfica no *Suplemento*, também por ocasião do leilão de sua biblioteca, que Paz era um solteirão que tinha apenas o suficiente para o seu conforto e hábitos, e sua biblioteca não estava bem instalada porque ele jamais morou em casas espaçosas¹⁴.

Para formar uma biblioteca invejável que depois faria parte do acervo de uma instituição que tanto admirava – a Biblioteca Nacional – houve um longo percurso. A fabulosa biblioteca pessoal que conseguiu organizar quase teve um melancólico fim. Não fosse a interferência de amigos como ele bibliófilos, colecionadores e mecenas aprendizes, que de alguma forma deviam-lhe o enriquecimento de seus próprios acervos e reconheciam-lhe o trabalho para a incorporação de obras especialíssimas às bibliotecas públicas, a biblioteca de Paz teria acabado como muitas outras, que sequer mereceram catálogo, apesar de ricas em número de livros e, quem sabe, em qualidade. Ora, uma biblioteca completa diz muito da biografia do possuidor, ou, como quer Antônio Candido,

(...) a evolução da cultura de um homem se evidencia nos livros que leu. Através desta cultura é possível esclarecer a história intelectual de um período, pois a formação de uma biblioteca equivale geralmente à superposição progressiva de camadas de interesse, que refletem a época através da pessoa¹⁵.

A biblioteca de Paz foi mais bem inventariada que outras, mas não de forma a cumprir as etapas sugeridas por Antônio Candido. Era, *malgré lui*, um imigrante, e como tal passou por numerosas vicissitudes típicas: mudanças de empregos, sempre com todas as limitações sociais dos caixeiros, protegendo-se das armadilhas da saúde ao associar-se em 1850 a uma das ordens

terceiras. Passou a colaborar diretamente com instituições e bibliotecas que julgou poder incentivar.

O Gabinete Português de Leitura, obra de membros da colônia portuguesa, havia sido fundado em 1837. Seu criador, Francisco Eduardo Alves Vianna, comerciante de Funchal estabelecido na cidade do Rio de Janeiro, ajudado por seu primeiro presidente, o doutor José Marcellino da Rocha Cabral, advogado e jornalista português, deu à cidade uma significativa biblioteca, que se expandiu a ponto de exigir, a partir de 1862, em seus novos estatutos, um edifício de acordo com a proporção do seu acervo, o que se concretizou em 1887¹⁶.

Talvez inspirado nesses exemplos, Ramos Paz ocupou-se com uma sociedade de moços chamado O Retiro Literário Português, mencionada em artigo no *Diário do Rio*, no ano de 1872:

O Retiro Literário Português teve seu seminário instrutivo e realizou saraus literários e artísticos com notável sucesso. Mas o fim principal da instituição foi proporcionar aos associados o ensino preparatório sobre estudos de línguas e filosofia que lhes facultassem mais tarde o ingresso nas carreiras liberais¹⁷.

455

Algumas instituições fundadas por iniciativa de particulares muito colaboravam na formação de jovens que, assim como Paz, não teriam muitas possibilidades se fossem deixados sozinhos. Como elas, as bibliotecas maiores e com horário mais flexível facilitaram o acesso a determinadas obras que, por serem muito caras, dificilmente seriam adquiridas por pessoas que enfrentassem alguma dificuldade financeira. Em 1893, a *Gazetilha do Jornal do Commercio* comenta a importância do Liceu Literário Português, fundado em 10 de setembro de 1868, por um grupo de moços portugueses interessados em se instruir, “onde pudessem, nos lares que lhes deixassem as suas ocupações materiais educar as inteligências, pelo estudo e pela troca de idéias, conferências, leituras, debates de teses literárias e científicas(...)”. Entre 1884 e 1892 tinha sido freqüentado por 11.116 alunos, uma média anual de freqüência de 1.200 alunos¹⁸.

No relatório organizado em 1876 para o imperador¹⁹, a respeito das condições de funcionamento da Biblioteca Nacional, Ramiz Galvão já citava Francisco Ramos Paz como um doador. Pelos comentários podia-se perceber as dificuldades por que passava a biblioteca no período: baixa frequência, atribuída ao fato de se situar em local distante, mecanismos obsoletos de consulta aos catálogos e pequeno número de funcionários. As doações pareciam ser muito bem-vindas em virtude dos limitados recursos que deveriam atender as mais diferentes rubricas. Já mencionei as dificuldades para o aumento do acervo. As doações voluntárias atingiram 855 livros recebidos no espaço de dezoito meses, entre 1875 e o primeiro semestre de 1876²⁰.

A entusiasmada bibliofilia de Paz bastava para destacá-lo entre os demais. Capistrano de Abreu relatou um grande momento de reconhecimento público de sua pertinácia:

Como colecionador Francisco Ramos Paz revelou-se ao público na Exposição de História e Geografia do Brasil realizada pela Biblioteca Nacional de 1881. Os extremos até onde o levou a diligência mostram o catálogo de seus livros e o dos objetos de arte já dispersos em leilão. Durante mais de meio século dir-se-ia não fez senão colecionar, se a conquista do pão, os deveres a que não sabia nem queria fugir, não lhe deixassem apenas os momentos de sobras para cevar a paixão²¹.

No período em que começou a reunir seu acervo, Paz encontrou grande facilidade na tarefa, devido à falta de interesse financeiro que havia em torno de impressos, manuscritos e livros raros no Brasil. O conceito de livros raros ainda não estava bem difundido ou relacionado a seu valor de mercado. Não era considerado de forma profissional aqui, fato que pode ter facilitado ou diluído os investimentos de Paz no setor. Na Europa, no entanto, a febre pelos incunábulo vinha como uma tendência, e já havia várias publicações sobre livros raros, censurados ou proscritos.

Dessa maneira, Paz foi aos poucos formando a sua biblioteca e colaborando diretamente com diversos intelectuais para a ampliação de outras, além de imprimir um ritmo significativo nas

suas pesquisas para o enriquecimento do acervo da Biblioteca Nacional. Mesmo fazendo uma espécie de hagiografia na apresentação de Paz no Catálogo²², Capistrano nos coloca frente a frente com um personagem contraditório profundamente ligado a questões como livros, manuscritos e objetos de arte, mas sem cuidados elementares para conservá-los, o que exigiu de seus futuros testamentários um árduo esforço sistematizador.

Apreciador de leilões, Paz colecionou também, através deles, magníficos conjuntos de objetos incorporados ao seu acervo. Ao longo da vida, acumulou grande quantidade de obras raras, mas por não ter tido bibliotecário e ter sido um generoso emprestador de livros, sofreu alguns desfalques e tornou seu acervo de difícil sistematização. Deixou cerca de onze mil obras agrupadas de forma apenas intuitiva, o que representou um grande esforço para os organizadores do catálogo. Caso o levantamento fosse feito dentro de um rigor mais absoluto, os números totais do acervo se elevariam para trinta mil incluindo-se documentos, folhetos, notas e juízos críticos²³.

Sua atuação como doador era muito destacada. Há numerosos registros dela, além da menção feita no Relatório de Ramiz Galvão. Ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro ofereceu livros, uma série de folhetos, discursos e conferências sobre a questão religiosa, juntamente com o *Boletim do Grande Oriente Unido e Supremo Conselho do Brasil*²⁴.

Com os pedidos que registrou em sua carta-testamento permitiu que os amigos salvassem a sua biblioteca de ser vendida “a retalhos”. Muitos se reuniram para sistematizar o conjunto de obras e colocá-las em condições de serem leiloadas, após sua morte, que ocorreu em 31 de janeiro de 1919. A tarefa exigiu trabalho árduo de uma equipe que envolveu profissionais competentes para revisão e organização final da biblioteca²⁵.

R. A. Mourinho, juntamente com seus três filhos, levou “um trimestre e pouco, de ininterrupto labor” para a catalogação resumida do acervo de volumes e todas as demais tarefas necessárias

que culminaram com o leilão, problema resolvido quase ao termo, quando o doutor Arnaldo Guinle, um inesperado protetor, com boa tradição familiar na prática, comprou todo o conjunto e o doou à Biblioteca Nacional²⁶.

Dessa forma a biblioteca particular de um homem dedicado à bibliofilia e responsável por ações que deram às bibliotecas públicas do Rio de Janeiro facilidades para serem usufruídas por setores diversificados da população foi mantida, mesmo em uma sociedade onde a prática do mecenato era um aprendizado. Procurei destacar neste texto a relação entre mecenato e cidadania, nos limites do desempenho de uma figura que através de gestos diversos consolidou seu papel, mas ultrapassou os limites de uma preocupação pessoal para desenvolver atividades públicas em benefício de leitores em busca do conhecimento, caminho mais curto para a formação da cidadania.

NOTAS

458

- ¹ ROCHA, Daniel. *Le peuple de Paris: essai sur la culture populaire au XVIIIe siècle*. Paris, Aubier Montaigne, 1981.
- ² Ver CARVALHO, Gilberto Vilar de. *Biografia da Biblioteca Nacional (1807 a 1990)*. Rio de Janeiro, Irradiação Cultural, 1994, pp. 94-95.
- ³ Cf. Tese de Doutorado da autora *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*. USP, abril de 1994, mimeo.
- ⁴ Ver *Correspondência de Capistrano de Abreu* (vol. 2), organizado por RODRIGUES, José Honório. Rio de Janeiro/Brasília, Civilização Brasileira/INL, 1977, pp. 09-385.
- ⁵ RAMA, Angel. *A cidade das Letras*. São Paulo, Brasiliense, 1985, pp. 76-101.
- ⁶ Cf. GALVÃO, Benjamim Franklim de Ramiz. *Relatório do Bibliotecário da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1876.
- ⁷ Ver Catálogo da Exposição de História do Brasil. GALVÃO, Barão de Ramiz (org.). Rio de Janeiro, Tipografia G. Leuzinger e Filhos, 1881; e também. GALVÃO, Ramiz (org.). *Catálogo da Exposição Nacional*. Rio de Janeiro, Tipografia Carioca, 1875.
- ⁸ Ver RODRIGO, José Honório Rodrigues (org.). *Correspondência de Capistrano*. vol. 02. pp. 66-73.
- ⁹ *Idem*.
- ¹⁰ Ver PAZ, Francisco Ramos. *Suplemento ao Catálogo da Biblioteca*. Rio de Janeiro, Tipografia do Jornal do Commercio, 1920.

- ¹¹ Cf. PAZ, Francisco Ramos. *Catálogo da Biblioteca*. Rio de Janeiro, Tipografia do Jornal do Commercio, 1920.
- ¹² Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional. Coleção Francisco Ramos Paz. Rio de Janeiro.
- ¹³ *Idem*. Ver sobretudo os documentos: I – 4,1,23; I – 4,6, 42 ; I – 4, 4,4.
- ¹⁴ Cf Catálogo do Leilão, *op. cit.*, passim.
- ¹⁵ Ver CANDIDO, Antonio. “A evolução da cultura de homem se evidencia nos livros que leu”. In *Notícia Bibliográfica e Histórica*. Campinas, nº 138, pp. 82-86, 1990.
- ¹⁶ Catálogo do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro. GALVÃO, Benjamim Franklim de Ramiz (org.). Rio de Janeiro, *Tipografia do Jornal do Commercio*, 1906-1907, 2 vol.
- ¹⁷ Apud: PAZ, Francisco Ramos. *Suplemento ao Catálogo*. Artigo de MONTORO, Reynaldo Carlos no Diário do Rio de Janeiro, março de 1872.
- ¹⁸ Ver *Almanaque Laemmert*. Administrativo, Mercantil e Industrial. Rio de Janeiro, Tipografia Laemmert, 1870-1910.
- ¹⁹ GALVÃO, Ramiz. *op. cit.*
- ²⁰ *Idem*.
- ²¹ Ver Catálogo e Suplemento da Biblioteca de Francisco Ramos Paz, texto introdutório de Capistrano de Abreu.
- ²² Ver texto de Capistrano no Suplemento ao Catálogo, p. V.
- ²³ *Idem*.
- ²⁴ Ver doações de Francisco Ramos Paz ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro na *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro, nº 37, pp. 401-407, 1874.
- ²⁵ Ver Capistrano, Suplemento ao Catálogo de Francisco Ramos Paz.
- ²⁶ Cf cartas de Capistrano de Abreu a João Lúcio de Azevedo, In *Correspondência...* vol. 2.